

## O talento multifacetado de Cesariny

### Rui-Mário Gonçalves

O mar era para Mário Cesariny o que o Marão era para Teixeira de Pascoais. Nas lembranças da sua juventude, a praia da Póvoa do Varzim, onde muitos anos passava os meses de Verão com as irmãs e os primos, surgiu sempre como um paraíso terrestre.

A essa lembrança apaziguadora vieram juntar-se as vivências já na vida adulta, noutras praias mais perto de Lisboa, nomeadamente a Costa de Caparica. *Os Braços sobre a Areia*, que o seu amigo Cruzeiro Seixas ilustrou, testemunha essas vivências; e o primeiro poema que o celebrizou, *Corpo Visível*, termina com maiúsculas a referência ao mar "... a sombra que fazemos no aqueduto grande do meu peito o MAR." E também uma "quadra" autónoma, rodeada de uma auréola gloriosa de mil imagens nela condensada, mantém a mesma alusão:

"Queria de ti um país de ondas e de bruma, queria de ti o mar duma rosa de espuma."

Por ocasião da publicação de *Corpo Visível* (1950), Adolfo Casais Monteiro apercebeu-se imediatamente do seu valor.

Curiosamente, Cesariny foi inicialmente apreciado naquilo em que foi autodidacta: a literatura. Os estudos que fez de artes plásticas, na Escola António Arroyo, e de música, com Fernando Lopes Graça, não lhe deram sucessos tão imediatos. Todavia, a sua consagração através de premiações no âmbito literário apenas surgiu nos últimos anos da sua vida, quando já não escrevia.

Pelo contrário, os críticos de artes plásticas anteciparam-se aos literários. Antes de 1990, atribuíram-lhe nos Açores um prémio importante pela sua pintura para aí enviada por Cesariny; e, em 2002, o Prémio EDP, a que se seguiu, dois anos depois, uma notável retrospectiva no Museu da Cidade (Lisboa), confirmou junto de um público mais alargado o mérito de Cesariny.

A atitude reticente do grande público perante a expressão plástica de Cesariny advém de uma característica e de alguns preconceitos. A característica é a sua originalidade. Os preconceitos então instalados na desconfiança perante o excesso de talento, o surrealismo e o abstraccionismo. Isto é: aqueles que o consideravam já um grande poeta manifestaram relutância em reconhecer que ele era também um grande pintor; e, entre nós, os apreciadores de literatura raramente têm olhos para a pintura.

Por outro lado, os apreciadores de pintura frequentemente são

preconceituosos para com o Surrealismo, considerando-o muito "literário". Eles limitam-se a considerar o Surrealismo figurativo. Ora, na pintura, o Surrealismo tem-se manifestado num amplo leque de concepções, desde o mais minucioso figurativismo até aos confins do abstraccionismo.

Negar ao Surrealismo a capacidade inventiva no âmbito do pensamento visual é desconhecer o muito que se deve a esse movimento poético. A simples enumeração de técnicas novas que o Surrealismo propôs para a liberdade de expressão, sem contar com outras, antigas, que reabilitou, bastaria para comprovar a dívida referida. Lembrarei apenas algumas, por terem merecido de Cesariny uma prática expressiva original.

Na pintura e na anti-pintura, Cesariny servia-se das mais variadas técnicas que lhe pudessem desencadear o automatismo psíquico puro: escorrência livre das tintas, utilização de vernizes, colagens, objectos. Certa insistência na utilização de cores ácidas muito claras, em formatos esguios, com cegantes linhas horizontais muito prolongadas, serve uma imagem obsessiva, formada a partir de sinestésias complexas, onde se misturam a luz e os grandes espaços das praias, os desertos de Rimbaud, a dostoiévskiana experiência na casa dos mortos, onde os presidiários, se voltavam os olhos para o céu, não era para olharem para cima, mas para diante, para o horizonte longínquo... porquê? "Porque nós somos a multidão a que eu chamo / o homem e a mulher de todos os tempos áridos / e como sempre não há lugar para nós nesta cidade / esta ou qualquer outra que de perto ou de longe a esta se pareça." (*Corpo Visível*).

Em Portugal, Cesariny foi o primeiro a utilizar a técnica da colagem com intenções provocatórias, usando a imagem do general De Gaulle, numa altura em que, à sombra do símbolo militar da resistência francesa contra a ocupação nazi, alguns literatos oportunistas desencadeavam em Paris uma acção de suspeita contra Breton.

Mas não foi apenas no âmbito português que Cesariny foi pioneiro. Ele foi, a nível internacional, um dos primeiros a intensificar o informalismo, desde 1947, participando, portanto, numa vanguarda que se estava a tornar mundial. Este facto deve ser lembrado aos que insistem em falar do surrealismo acontecido em Portugal como mero seguidismo tardio.

O seu vanguardismo na expressão plástica influenciou a sua expressão verbal, e não ao contrário, como geralmente pensavam aqueles que já o admiravam pelos seus poemas. Ele próprio o declarou, em 1972, numa entrevista à televisão: "Desde a minha adesão ao Surrealismo em 1947, e ao contrário do que a alguns pode parecer, foi a 'despintura' a pintura que me ajudou a desregrar e a desmembrar a linguagem que a partir daí pratiquei nos meus versos."

Mário Cesariny foi autor de pinturas e poemas onde o

explosivo-fixado acelerou a transformação das linguagens.

(*Diário de Notícias*, Lisboa, 27 Nov. 2006)